



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCC
CENTRO DE HUMANIDADES-CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UAG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E
ENSINO DE GEOGRAFIA

ADRIANO PEQUENO SANTOS

A APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS A PARTIR
DO ESTUDO DO MEIO

Campina Grande - PB
2017

ADRIANO PEQUENO SANTOS

**A APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS A PARTIR
DO ESTUDO DO MEIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como pré-requisito para obtenção do título de especialista.

Orientadora:

Prof. Dra. Sonia Maria de Lira

**Campina Grande - PB
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- S237a Santos, Adriano Pequeno.
A apropriação dos conceitos geográficos a partir do estudo do meio / Adriano Pequeno Santos. – Campina Grande, 2018.
33 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Sonia Maria de Lira".
Referências.
- I. Geografia Escolar. 2. Construção de Conceitos. 3. Estudo do Meio. I. Lira, Sonia Maria de. II. Título.

CDU 911:37.016(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE
GEOGRAFIA


A APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS A PARTIR DO
ESTUDO DO MEIO


ADRIANO PEQUENO SANTOS

Aprovado em: 19 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Sonia Maria de Lira
Orientadora - UAG/CH/UFCEG


Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo
Examinador Interno


Prof.ª Dr.ª Aline Barboza De Lima
Examinadora Interna

DEDICATÓRIA

Aos meus sobrinhos Lucas Daniel Pequeno Gonçalves e Tiago Samuel Pequeno Gonçalves, à minha mãe Terezinha Pequeno Santos e minha irmã Adriana Pequeno Santos que me apoiaram durante toda minha vida. Aos meus alunos da disciplina de Artes da Escola Estadual de Ensino fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade, pois, com eles todos os dias estou aprendendo.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar adquirindo o título de pós-graduação, o qual foi tão almejado e concorrido e necessário para melhorar o currículo, além do aprendizado que foi construído no decorrer da especialização.

Agradeço a minha Orientadora professora Sonia Maria de Lira, pela paciência e complacência, tendo em vista a correria do meu dia a dia, devido ao trabalho e sua carga horária e outros compromissos.

Agradeço à minha Mãe, minha irmã e meus sobrinhos, os quais estavam sempre de braços abertos nos momentos de cansaço, se tornando meu porto seguro e descanso dos dias apressados.

Agradeço à minha colega da especialização Ana Maria da Rocha Barbosa por estar sempre informada e nos passar todos os avisos pertinentes a especialização, trazendo tranquilidade nos momentos de preocupação.

Agradeço aos demais colegas do curso que foram verdadeiros companheiros durante todo o processo da especialização, presentes nos momentos felizes e tristes e se comportando como verdadeiros irmãos.

Agradeço à diretora Monica Cristina da Cunha Santos, por sempre me dar apoio no desenvolvimento de projetos, assim como proporcionar melhorias educacionais na Escola Estadual de Ensino Fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade. Meus agradecimentos, também, vão para a professora de geografia Monalisa Cristina por ceder suas aulas para a realização da pesquisa e aos alunos do 9º Ano “A” que foram os principais protagonistas na realização deste trabalho.

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

MAPA 1: Localização da Escola E. E. F. Poeta Carlos Drummond de Andrade.....	11
FIGURA 1: Trajeto percorrido.....	21
FIGURA 2: Etapa pré-campo.....	22
FIGURA 3: Participação dos alunos do 9º Ano “A” da Escola Carlos Drummond de Andrade:.....	22
FIGURA 4: Alunas entrevistando comerciante.....	24
FIGURA 5: Alunas coletando informações da entrevistada.....	24
FIGURA 6: Aluna do 9º Ano “A” entrevistando comerciante.....	25
FIGURA 7: Aluna do 9º Ano “A” entrevistando consumidora.....	25
FIGURA 8: Alunos do 9º Ano “A” da E.E.E.F. Poeta Carlos Drummond de Andrade.....	26
FIGURA 9: Término da aula de campo com os alunos do 9º Ano “A”.....	26
FIGURA 10: Produção textual do aluno Ailton.....	27
FIGURA 11: Produção textual da aluna Polyana.....	28
FIGURA 12: Produção textual da aluna Kemilly.....	29
FIGURA 13: Produção textual do aluno Talyson.....	30

RESUMO

A geografia como disciplina escolar tem a função de favorecer a construção do conhecimento espacial. Para isso, é necessário que o mediador busque métodos que proporcionem a produção do saber pelo próprio aluno. Contudo, a construção conceitual não é um processo simples, pois existem dificuldades observadas em sala de aula. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral entender como os estudantes constroem os conceitos geográficos a partir do estudo do meio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade. A mesma trilha os caminhos da pesquisa qualitativa, mais especificamente, com foco na observação-participante, a qual contribuiu com a referida investigação. Verificamos, no decorrer da pesquisa, que a apropriação dos conceitos geográficos deve ocorrer de forma gradual e o estudo de campo se faz necessário para que haja a construção do conhecimento geográfico. Além disso, o espaço próximo dos alunos deve ser utilizado para tal construção geográfica, proporcionando maior interesse do alunado e estimulando sua capacidade de abstração e reflexão espacial. Dessa forma, conclui-se que a aprendizagem em geografia só é viável quando se leva em consideração os conceitos espontâneos dos estudantes, portadores de conhecimentos previamente construídos, os quais devem ser estimulados com o propósito de resignificá-los criticamente, transformando-os em conceitos científicos, através da mediação escolar.

Palavras-chave: Geografia escolar; Construção de Conceitos; Estudo do Meio.

RESUMEN

La geografía como disciplina escolar tiene la función de favorecer la construcción del conocimiento espacial. Para ello, es necesario que el mediador busque métodos que proporcionen la producción del saber por el propio alumno. Sin embargo, la construcción conceptual no es un proceso simple, pues existen dificultades observadas en el aula. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo general entender cómo los estudiantes construyen los conceptos geográficos a partir del estudio del medio en la Escuela Estadual de Enseñanza Fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade. La misma pista los caminos de la investigación cualitativa, más específicamente, con foco en la observación-participante, la cual contribuyó con la referida investigación. En el transcurso de la investigación verificamos que la apropiación de los conceptos geográficos debe ocurrir de forma gradual y el estudio de campo se hace necesario para que haya la construcción del conocimiento geográfico. Además, el espacio cercano de los alumnos debe ser utilizado para tal construcción geográfica, proporcionando mayor interés del alumnado y estimulando su capacidad de abstracción y reflexión espacial. De esta forma, se concluye que el aprendizaje en geografía sólo es viable cuando se tiene en cuenta los conceptos espontáneos de los estudiantes, portadores de conocimientos previamente construidos, los cuales deben ser estimulados con el propósito de resignificarlos críticamente, transformándolos en conceptos científicos, a través de la mediación escolar.

Palabras clave: Geografía escolar; Construcción de conceptos; Estudio del medio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: ENSINO DE GEOGRAFIA, ESTUDO DO MEIO E CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS.....	11
CAPÍTULO II: DISCUTINDO OS VÁRIOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS	14
3.1 A Construção dos Conceitos na Geografia Escolar.....	16
CAPÍTULO III: ESTUDO DO MEIO: INSTRUMENTO PARA APROPRIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS.....	18
4.1 Primeira Etapa: Contato inicial com a turma.....	18
4.2 Segunda Etapa: Aula de Campo.....	20
4.3 Terceira Etapa: Análise do Material Produzido Pelos Alunos.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	18

INTRODUÇÃO

A geografia como disciplina escolar tem a função de favorecer a construção do conhecimento espacial, principalmente a partir de seus temas geradores como: espaço, território, lugar, região e paisagem. Contudo, ela vem sendo trabalhada de forma mnemônica e descritiva. Para Santos (2014), isso é herança do caráter empirista francês, no qual considerava o sujeito um receptáculo de estímulos externos baseados na imitação e conseqüente memorização. Somado a isso, na atual dinâmica do ensino geográfico, os conteúdos são trabalhados distantes da realidade do aluno, dificultando ainda mais a construção de tais saberes e conceitos.

Contrário a esse pensamento o presente trabalho tem por objetivo geral entender como os estudantes constroem os conceitos geográficos a partir do estudo do meio. E como objetivos específicos conhecer os pressupostos teóricos sobre a construção conceitual, utilizar o estudo do meio como estratégia para o entendimento da construção conceitual geográfica dos estudantes, encaminhar propostas que contribuam para um trabalho da disciplina geográfica mais participativo e dinâmico.

Justifica-se tal pesquisa devido a identificação de dificuldades observadas durante as aulas no que se refere à construção conceitual dos alunos na ciência geográfica. Isso, porque construir conceitos não é só repetir palavras de forma mecânica, mas demanda abstrações que, muitas vezes, o ensino tradicional não proporciona.

A metodologia a ser empregada segue as trilhas da pesquisa qualitativa, pois, esse tipo de investigação é mais apropriada nas áreas das ciências sociais, inclusive da Geografia. “A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser redutivos à operacionalização de variáveis” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Em meio a esse tipo de abordagem será utilizada a observação participante, pois favorece a coleta de dados no momento em que acontecem com a participação dos sujeitos de forma direta. Como também, será utilizado o estudo do meio como forma de proporcionar uma relação direta do aluno com o espaço, confrontando sua visão de mundo com o conhecimento sistematizado da geografia em relação a realidade prática próxima a eles.

Dessa forma, a observação participante quando associada ao estudo de campo contribui para que o conhecimento teórico seja articulado na prática cotidiana, o que

favorece a produção de informações passíveis de serem analisadas e interpretadas, de modo que venham a contribuir para um saber significativo.

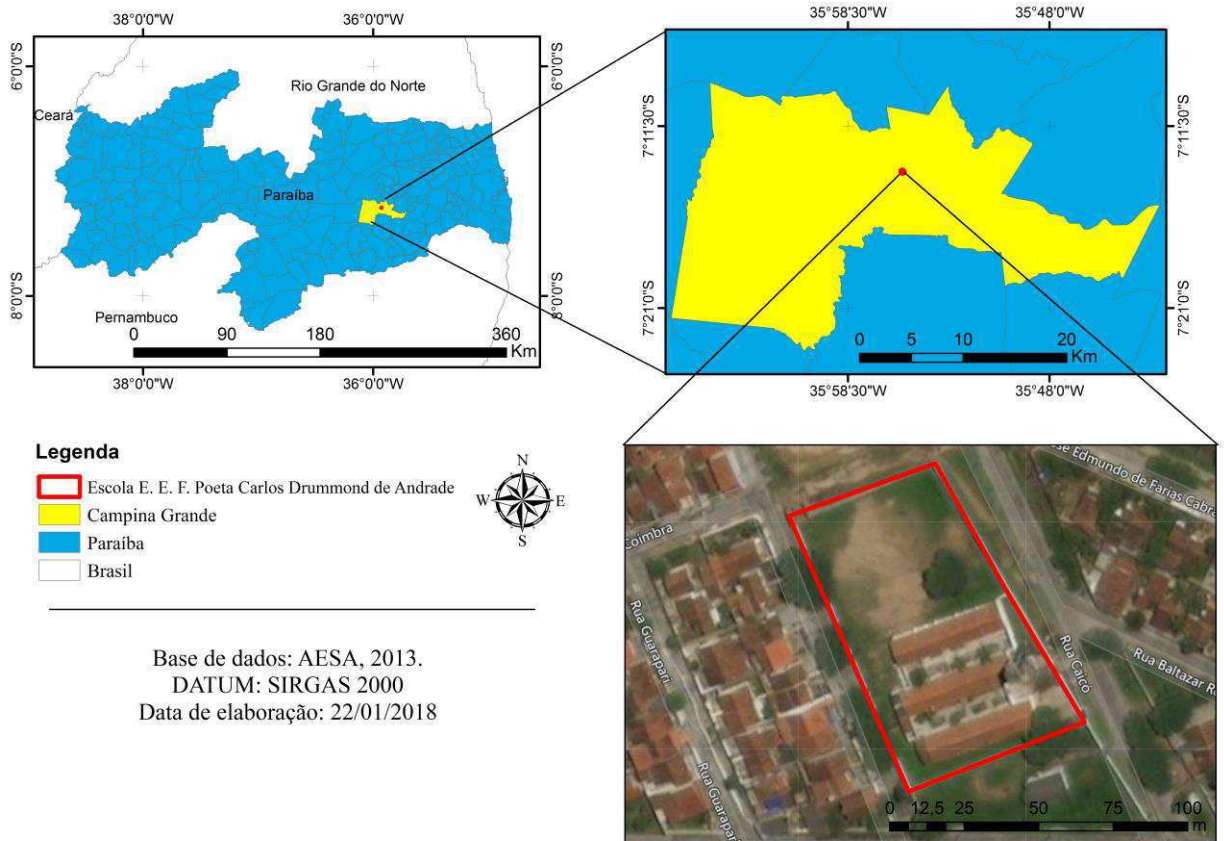
Observar é aplicar os sentidos aos desdobramentos das situações proporcionadas aos sujeitos pesquisados a partir do pressuposto de que os mesmos são ativos no processo de aprendizagem. Esse pensamento pode ser reforçado quando se ressalta que:

O ato de observar é um dos meios mais frequentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações. Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. E mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados (QUEIROZ, 2007, p. 277).

Desse modo, a observação participante torna-se importante a esta pesquisa tendo em vista que a mesma permite a coleta de dados e informações assim que as ações ocorrem. De modo que torna a pesquisa ainda mais rica e produtiva, trazendo uma visão mais íntima dos fenômenos estudados.

Assim, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro discute sobre como os estudantes aprendem, a partir de Vigotski, Libâneo, Pontuschka. No segundo, o foco da discussão são os conceitos geográficos, destacando o estudo do meio como ferramenta necessária a tal aprendizagem. O terceiro e último trata da pesquisa empírica, desenvolvida com uma turma de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade (Mapa 1), trazendo reflexões e propostas para um ensino de Geografia que contemple o estudante como sujeito ativo na construção do conhecimento geográfico.

MAPA 1: Localização da Escola E. E. E. F. Carlos Drummond de Andrade



CAPÍTULO I

ENSINO DE GEOGRAFIA, ESTUDO DO MEIO E CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS

O ensino de geografia tem o papel de auxiliar na construção do conhecimento do aluno sobre a realidade socioespacial. Ou seja, o profissional da educação geográfica deve proporcionar situações que auxiliem a ressignificação de conhecimentos preconcebidos. Para tanto, esse mediador da aprendizagem deve suscitar o conhecimento prévio do educando, o qual servirá de base, para transformá-los em conceitos científicos (VYGOTSKY, 2010).

O autor, citado anteriormente, foi um grande crítico dos estudos da psicologia que explicavam como as crianças construía os conceitos, pois repetir palavras não significa produzir conceitos, e isto é o que o ensino tradicional faz com os estudantes, repetir de forma mecânica definições ensinadas. Ou seja:

A relação entre o conceito e a realidade permanece por explicar; o significado de uma determinada palavra é abordada através de outra palavra e esta operação, por muito que nos permita descobrir, nunca nos dará um quadro dos conceitos da criança mas sim um registo das relações existentes no seu cérebro entre famílias de palavras previamente formadas (VYGOTSKY, IBIDEM, p. 56).

Nesse sentido, os avanços nas pesquisas vygotskianas mostraram que o processo de gênese conceitual inicia-se de forma ativa e criativa, pois:

As experiências (...) demonstraram que a gênese dos conceitos é um processo criativo e não mecânico e passivo; que um conceito surge e toma forma no decurso de uma complexa operação orientada para a resolução do mesmo problema, e que a simples presença das condições externas que favorecem uma relação mecânica entre a palavra e o objeto não basta para produzir um conceito. Segundo este ponto de vista, o fator decisivo para a gênese dos conceitos é a chamada tendência determinante (VYGOTSKY, IBIDEM, p. 58)

Dessa forma, é necessário que os conceitos científicos sejam trabalhados com os estudantes partindo dos conceitos que eles já construíram em suas vidas cotidianas. Segundo Lima (2016), os alunos já possuem uma leitura de mundo adquirida na vivência a partir das suas relações pré-escolares, construídas através dos conceitos espontâneos. Entender como o aluno apreende a realidade e constrói seu conhecimento é de fundamental

importância, pois, dessa forma podemos criar situações que intensifiquem a construção do saber.

Nesse sentido Coelho e Pisoni (2012) colocam que internalização seria o fato de o indivíduo, em seu processo de desenvolvimento, internalizar tudo aquilo que é externo a si, mas não de forma passiva. Ou seja, o sujeito é apto biologicamente a aprender, contudo, isso ocorre a partir de interações proporcionando o florescimento do ser autônomo, do seu pensamento e da construção do seu aprender. Ele interage com o meio e com as pessoas no entorno, através da interação dinâmica do ser com os demais seres e com o ambiente no qual está inserido. Isso pode ser bem entendido quando se destaca que:

Vygotsky trabalha com teses [afirmando] que as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são simplesmente resultados das pressões do meio externo. Elas são resultados das relações homem e sociedade, pois quando o homem transforma o meio na busca de atender suas necessidades básicas, ele transforma-se a si mesmo. A criança nasce apenas com as funções psicológicas elementares e a partir do aprendizado da cultura, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores, sendo estas o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente (COELHO E PISONI, IBIDEM, p. 146).

Assim, o desenvolvimento do ser humano só é possível quando o mesmo está incluso no meio social e cultural. Para Vygotsky (2010) a criança, inicialmente, procura controlar o ambiente para posteriormente controlar a si. Nesse contexto, segundo o autor a Zona de desenvolvimento Proximal é aquela na qual o sujeito interage a partir de processos de mediação, indo ao encontro da assimilação de conteúdos. Em outras palavras é a distância entre o nível de desenvolvimento real na qual o sujeito se encontra e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemáticas.

Desse modo, a escola não é o único lugar onde há aprendizagem, pois, o primeiro contato da criança com o mundo inicia-se no espaço domiciliar, depois no bairro, interagindo com seus semelhantes. E dessa forma apreendendo signos que quando incorporados a estruturas psicológicas tornam-se familiares e potencializam novas formações estruturais.

Contudo, as relações que ocorrem no mundo atual, principalmente com o advento das tecnologias e da globalização, fortemente impregnadas de interesses e lógicas capitalistas, desde uma escala local à global, são mais complexas e requerem maior apreensão e abstração. Assim, é necessário um maior esforço da geografia, para proporcionar o entendimento das inter-relações que ocorrem no espaço.

Segundo Libâneo (2013), o trabalho docente deve ter em vista a relação entre o ensino e sua aplicabilidade de forma prática no cotidiano do aluno para que, dessa forma, a teoria que é externa se torne interna. Ou seja, aquilo que é trabalhado, em sala de aula também seja observado no cotidiano e se torne um mecanismo de reflexão que convirja para a interiorização, ressignificando a realidade estudada. Ainda segundo o citado autor isso consiste em um estudo ativo dos alunos, pois, nas tarefas de observação e compreensão de fatos da vida diária, ligados a matéria, e na interação com a dinâmica escolar desenvolve-se a possibilidade de assimilação, conhecimentos e habilidades (LIBÂNEO, 2013, P.113). Dessa forma:

Não basta, portanto, aos que se dedicam à docência e à investigação de questões relacionadas com o saber geográfico escolar, o domínio de conteúdos e métodos da ciência geográfica. É preciso que se considere, além disso, a relação entre essa ciência e sua organização para o ensino, incluindo aí a aprendizagem dos alunos conforme suas características físicas, afetivas, intelectuais, socioculturais (CAVALCANTE, 1998, p.10).

Estar ciente que os alunos são sujeitos pensantes e interagem de formas diferentes com o ambiente, se relacionando com o lugar e seu entorno a partir de características individuais e únicas, é de fundamental importância, pois, favorece a aprendizagem construtiva, proporcionando a identificação das dificuldades para contribuir com o desenvolvimento do educando, a partir da aprendizagem.

Nesse sentido, deve-se levar em consideração a organização dos conteúdos os quais convergem interdisciplinarmente para enriquecer ainda mais o estudo do meio. Cada elemento presente no espaço possui características inter-relacionadas o que o torna riquíssimo como fonte de conhecimento. Esse pensamento é reforçado quando se destaca que:

O estudo do meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender (PONTUSCHKA, 2009, p. 173).

Sendo assim, o estudo do meio demanda investigação prévia em gabinete, fase que engloba toda a organização pré-campo e o próprio trabalho de campo, etapa na qual os alunos irão observar, refletir e questionar, confrontando as pesquisas teóricas com a realidade, visando entender a dinâmica do espaço. E, posteriormente, é necessária a sistematização das análises feitas.

Para Pontuschka (2009), o professor como mediador tem papel importante em todo o processo de desenvolvimento do estudo com os alunos, tendo a responsabilidade de criar as condições básicas para o desenvolvimento da pesquisa em campo. Organizar tanto a preparação dos jovens pesquisadores como já conhecer previamente a área que será objeto da pesquisa. Isso possibilita uma melhor gestão da prática pedagógica. Todavia,

A saída da escola já permite outro modo de olhar. O aluno pode, se bem orientado, utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação e registros e cotejar as falas de pessoas de diferentes idades e profissões (PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

Por isso, o docente deve fazer os contatos necessários antes do trabalho de campo para que os estudantes possam fazer as entrevistas, além de registrarem o que foi observado através de anotações, fotos ou vídeos, pois tais materiais serão fundamentais nas análises pós campo. Como também, utilizar-se das conceituações geográficas nas referidas análises.

CAPÍTULO II

DISCUTINDO OS VÁRIOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS

A geografia, como disciplina escolar, tem por finalidade proporcionar a construção do conhecimento acerca das relações do homem com a natureza. Além disso, seus conceitos chave devem ser apropriados pelos estudantes, entre eles: espaço, território, paisagem, região e lugar. Para Lira (2014),

A compreensão dos fatos e acontecimentos do mundo, as relações entre o homem e a natureza, os avanços tecnológicos da atualidade com suas implicações para a sociedade e a convivência no mundo rural ou urbano são temas que podem ser analisados através das múltiplas relações com a paisagem, o território, o lugar e a região, que são objetos do ensino de geografia (LIRA, 2014, p. 7).

Dessa forma, as inter-relações socioespaciais que se estabelecem no dia a dia e que são vivenciadas pelos estudantes e abordadas nos meios de comunicação de massa podem ser aproveitados nos estudos geográficos e contribuir para a construção conceitual sobre o espaço.

Para Corrêa (2011), o espaço é o locus e ao mesmo tempo o receptáculo de múltiplas contradições, necessitando de um maior controle sobre a reprodução das relações de produção. Uma das maiores contribuições acerca do conceito de espaço veio do geógrafo Milton Santos, o qual ampliou análises conceituais e metodológicas do campo geográfico.

Para Santos (2014) o espaço é formado por sistemas indissociáveis de objetos e ações, que não podem ser entendidos separadamente, pois sofrem influências verticais, gerando na maioria das vezes dinâmicas antes não previstas, horizontais. Dessa forma, o sistema de ações recebe influências vindas de fora do lugar e se incorporam na realidade local. Além disso, os objetos “fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e a sociais, e redefinem cada lugar” (SANTOS, IBIDEM, p.61).

As ações e objetos se relacionam entre si em escala local, regional, nacional ou global, mantendo, assim vínculos complexos dos mais variados tipos. Para Santos (IBIDEM) poucos objetos se apresentam sós, pois, não funcionam isoladamente, mas são viáveis apenas em conjunto.

Para a análise desse espaço dinâmico e contraditório, formado por esse conjunto de forças que se incorporam em objetos, Milton Santos propõe algumas categorias de análise, são elas: forma, função, processo e estrutura. A forma é o aspecto perceptível a nós através da paisagem, a partir da qual podemos inferir hipóteses, reflexões e relações. “forma é o aspecto visível, exterior, de um objeto, seja visto isoladamente, seja considerando-se o arranjo de um conjunto de objetos, formando um padrão espacial” (CORREA, 2011, p.28).

A função relaciona-se ao papel atribuído ao objeto, implicando uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado. Ainda segundo o referido autor, a estrutura faz referência às raízes históricas de natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento. Já o processo abrange as transformações pelas quais o espaço e seus objetos sofrem no decorrer do tempo, devido a lógicas e relações que tem por base o interesse de atores com suas influências, principalmente econômicas.

Partindo para a análise da categoria território são consideradas as relações de poder que estão diluídas no meio socioespacial, em suas várias escalas. Tal reflexão também pode ser aprofundada a partir de reflexões do local para o global em diferente tempos:

Territórios existem e são construídos (desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p.ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte -- OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica cíclica (SOUZA, 2011, p. 81).

Isso torna o território um conceito amplo em que o aluno precisa identificar as diversas lógicas e interesses incorporados nas práticas socioespaciais. Daí surge a necessidade da geografia construir com o educando tais conceituações, tendo em vista a formação para a vida cidadã, ciente das reações incorporadas às territorialidades, sejam elas locais ou globais.

Já a região é o conceito da geografia que remete à agregação de áreas baseadas em elementos comuns, singulares, sejam eles naturais ou sociais e também tem uma conotação política. Segundo Gomes (2011), a região se relaciona com o termo *regione* que nos tempos do Império romano era a denominação utilizada para designar áreas que apesar de possuírem administração local estavam subordinadas às regras gerais de Roma, ressaltando o caráter político da região como mecanismo administrativo dos Estados ou até mesmo das grandes empresas. Atualmente tal conceito assume características complexas a serem levadas em consideração, pois:

Com o crescente processo de planetarização das relações econômicas, políticas, de finanças e de poder, tradicionais concepções de análise geográfica estão sendo revistas, dentre as quais a de região. Algumas posturas defendem que a análise regional, como via de entendimento da realidade, deve ser adaptada a este novo momento, caracterizado por intensos fluxos de diversas naturezas, capazes de deixarem os lugares mais “próximos” uns dos outros. Nesse sentido, as tradicionais concepções de região baseadas na individualidade/singularidade devem ceder espaço para as regiões particulares, articuladas a espaços mais abrangentes de caráter estadual, nacional e internacional (FONSECA, 1999, p. 89).

Dessa forma, esse conceito relaciona-se a busca de agrupar áreas a partir de características particulares, contudo relacionando-as às escalas mais amplas. No entanto, no trabalho com os estudantes não destaquei tal conceito, mas isso não o torna menos importante. Apenas não pode ser analisado a partir do trabalho empírico vivenciado.

O lugar é aquele mais próximo ao sujeito que nele se insere e interage, possibilitando, dessa forma, a apreensão espacial através da vivência. Segundo Rodrigues (2015), esse conceito tem um caráter locacional e se desenvolve quando alguns autores se voltam a uma visão mais apurada e profunda da complexidade das relações que os sujeitos estabelecem com o seu lugar a partir das vivências do cotidiano. . O indivíduo percebe as modificações espaciais ocorridas gradualmente no tempo e no espaço próximo. Nesse sentido:

O lugar comporta a conjunção das dimensões afetivas, simbólicas e materiais dos grupos. Portanto, é no lugar que os afazeres e as experiências do cotidiano geram um sentido de pertencimento em relação às coisas e às pessoas. O compartilhamento e a cumplicidade dos problemas, dos sonhos e das conquistas resultam no acervo de possibilidades, que permitem melhor organizar o presente e projetar o futuro. A esse plano do lugar, que Santos [...] denomina de horizontalidade, se vinculam as verticalidades representativas das relações externas com outros lugares. Analisar o lugar sob essa perspectiva significa compreendê-lo em estreita vinculação com os processos internos e externos, retirando-o de uma condição essencialista (NETO, 2014, p. 310).

Nesse contexto, o lugar é também o ponto de partida para se conhecer os outros lugares. Possibilitando comparações. É nele que se instalam as diversas intensões responsáveis pelas relações de poder localmente e pelas contradições resultantes das ações de atores externos que refletem em ações internas. O lugar é, assim, um ponto que se insere e esta inserido em um grande sistema de pontos que não pode ser entendido isoladamente.

Reiterando Santos (1988), a paisagem é tudo aquilo que nossa visão alcança e quando somada à sociedade resulta no espaço. Contudo, ela vai mais além e abarca todas

as formas de percebê-la pelos sentidos: olfato, tato, audição e outras formas de conhecer a materialidade. A paisagem esteve presente em todo o processo de desenvolvimento das sociedades permeando o senso comum.

A noção de paisagem está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. A ideia embrionária já existia baseada na observação do meio. As expressões desta memória e da observação podem ser encontradas nas artes e nas ciências das diversas culturas, que retratavam inicialmente elementos particulares como animais selvagens, um conjunto de montanhas ou um rio (MAXIMIANO, 2004, p. 84).

É através da paisagem que os sujeitos conseguem apreender as relações que ocorrem no espaço. Ela é a chave para se conhecer a realidade. Mas, como trabalhar os conceitos, sejam o de paisagem, lugar ou outros conceitos na geografia escolar? Esta apropriação não ocorre de forma simples e direta e demanda questões metodológicas que favoreçam a participação ativa dos estudantes e o entendimento dos seus níveis de desenvolvimento. O que nos possibilita destacar a importância de um novo fazer pedagógico que busque romper com as bases tradicionais de ensino, visando à formação do sujeito autônomo construtor do seu conhecimento.

A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Tendo em vista que a geografia escolar tem por objetivo principal favorecer a construção do conhecimento geográfico necessita-se criar condições para a reflexão do educando através da observação do espaço, fazendo comparações, classificações e problematizações constantes.

Por isso, é importante trabalhar aquilo que está mais próximo do aluno. E isso só é possível se for levado em consideração o próprio cotidiano do sujeito, em suas inter-relações socioespaciais. Dessa forma, o estudo do lugar permite construir abstrações a partir de vias concretas (experiências), mas também com a utilização de outros recursos imagéticos. Segundo Callai (2000, p. 89):

O estudo do lugar pode se estender para muito além do texto. E pode-se utilizar outros recursos como a observação de uma paisagem ao vivo ou uma figura desta mesma paisagem, fotografias, vídeos, filmes, etc. Esse estudo pode situar-se no início do desenvolvimento de uma determinada unidade, assim como no seu fechamento, mas pode também ser a unidade de estudo. É sempre conveniente reafirmar que os conteúdos em si são mais do que simples informações a serem aprendidas, eles devem significar a possibilidade de se aprender a pensar. No caso da geografia, aprender a pensar através de conteúdos que lhe digam respeito, que lhe sejam específicos.

Por isso, a reflexão a partir de questionamentos é fundamental no trabalho com a geografia escolar. Além disso, o lugar é o ponto de partida para conhecer o mundo, mas esse lugar faz parte de um todo, não podendo ser entendido separadamente, tendo em vista as relações constantes entre os lugares, compondo a dinâmica espacial em escala mais ampla. Desse modo, a localidade é a primeira instância da construção do conhecimento do aluno como sujeito socioespacial, por isso é preciso

Decodificar o espaço, sua imagem (aparência) e os processos que ele encerra no sentido da sua produção – as relações que se estabelecem entre os vários grupos sociais, entre os homens e destes com a natureza. Enfim, tentar desvendar a essência dos processos que geraram tal aparência (CALLAI, 2000, p. 89).

E o entorno da escola pode contribuir com tais análises, por ser fonte riquíssima de conhecimentos geográficos, permitindo ver na aparência das materialidades a presença das ações dos mais diversos segmentos. Para Cavalcante (1998), a geografia é a disciplina que contribui para a contextualização do aluno como cidadão do mundo, propiciando a compreensão da espacialidade e dos fenômenos nas mais variadas escalas. E isso faz com que a observação seja um instrumento privilegiado do leitor crítico do mundo, tornando a disciplina escolar tão necessária.

Dessa forma, o papel do professor de geografia como mediador da aprendizagem é criar condições para a efetiva construção do saber geográfico. Para tanto, o mesmo deve estar atento às diversas metodologias que possam contribuir com o estudo do lugar, possibilitando inferir questionamentos e reflexões que favoreçam a apropriação do conhecimento espacial pelo aluno. Nesta perspectiva, o estudo do meio favorece tais aprendizagens.

CAPÍTULO III

ESTUDO DO MEIO: instrumento para apropriação dos conhecimentos geográficos

O estudo do meio é um instrumento fundamental à mobilização dos conhecimentos geográficos, relacionando aspectos teóricos e concretos. É o momento para observar, comparar, classificar e fazer generalizações, possibilitando maior abstração e apreensão da realidade. Neste contexto, tal estudo pode contribuir com a construção conceitual desde que ocorra a partir de etapas que vão possibilitando tais abstrações, entre elas: discussões conceituais pré-campo com a finalidade de favorecer elementos teóricos para a visita externa posterior, o trabalho de campo e a fase pós-campo, a qual possibilita a sistematização dos conhecimentos construídos.

Dessa forma, desenvolvemos a pesquisa participante através do estudo de campo no bairro das Malvinas, localizado no município de Campina Grande-PB, fazendo o percurso entre a Escola Estadual de Ensino Fundamental Poeta Carlos Drummond de Andrade e a popularmente conhecida “Feirinha das Malvinas” (Fig. 1).

FIGURA 1: Trajeto Percorrido.



Legenda

Escola Carlos D. de Andrade

Feirinha das Malvinas

Trajeto percorrido

Fonte: Google.com/maps

Foram encaminhadas as etapas, citadas anteriormente, com uma turma de 9º ano, durante as aulas de Geografia da Professora Dra. Monalisa Cristina e, também de Artes,

ministrada pelo autor do trabalho, com o enfoque de verificar se os estudantes construíaam os conceitos através daquele instrumento pedagógico e geográfico.

PRIMEIRA ETAPA: CONTATO INICIAL COM A TURMA

A primeira etapa compreendeu a fase pré-campo na qual se priorizou com os alunos a discussão teórica sobre os conceitos, contudo partimos de exemplos mais próximos à vivência deles, possibilitando maior interesse e participação dos educandos e favorecendo a retomada dos chamados conceitos espontâneos (VYGOTSKY, 1991) (Figuras 2 e 3). Isso proporcionou um amplo debate retomando os conhecimentos espaciais que os estudantes já possuíam, mas relacionando com os conceitos científicos geográficos.

Nesta etapa, também, foram feitos algumas questionamentos para que os educandos pudessem utilizá-los como mecanismo de coleta de informações dos cidadãos que se encontrassem pelo caminho para entrevistá-los, tornando-os sujeitos participantes do processo de pesquisa e favorecendo à construção de mais elementos para a conceituação espacial proposta.



FIGURA 2: Etapa pré-campo
Fonte: SANTOS, 2017.



FIGURA 3: Diálogo com os alunos
Fonte: SANTOS, 2017.

Segundo Pontuschka e Lopes (2009), essa fase favorece ao sucesso do Estudo do Meio, o qual depende de um trabalho de planejamento flexível, ressaltando que as diversas etapas de preparação, execução e sistematização podem contribuir para o êxito das aprendizagens na aula de campo.

Essas etapas ressaltadas podem ser agrupadas em três fases. A primeira constitui o ponto de partida, ou seja, busca proporcionar a reflexão individual e coletiva sobre o espaço a ser estudado. O foco aqui são as características da área a ser estudada e a delimitação/escolha da localidade passiva ao estudo. Desse modo:

Os espaços ou lugares a serem estudados em uma atividade de ensino desse tipo são variados e podem estar situados, nas adjacências da unidade escolar, tais como: o quarteirão, o bairro, o fundo de vale mais próximo, passando pelo município, tais como um distrito industrial, um prédio público e seus arredores, uma área de mata nativa, até lugares mais distantes como uma cidade histórica, um parque ecológico, uma barragem de hidrelétrica etc (PONTUSCHKA E LOPES, 2009, p.180).

Esse é o momento de delimitação dos objetivos mais gerais, onde se planeja aquilo que será desenvolvido em campo. Assim, como o roteiro do trajeto, questões que servirão para a abordagem da população que ali se encontra, análise de textos de apoio e materiais que serão utilizados a exemplo de caderno de anotações.

Esse primeiro contato representa aquele período em que segundo Pontuschka e Lopes (IBIDEM) permite-se compreender mais profundamente a dimensão social da organização do espaço e, ao mesmo tempo, da influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem. Mas, para ampliar a compreensão da realidade necessita-se ir a campo e confrontar o que se estudou anteriormente na sala de aula, observando as práticas e ações incorporadas no espaço.

SEGUNDA ETAPA: ESTUDO DE CAMPO

A fase que constituiu a visita ao campo representou para os alunos uma inovação que, segundo os mesmos, nunca haviam realizado, inicialmente tendo alguma resistência deles para tal realização. Para Pontuschka e Lopes (2009), durante esta etapa o mediador e o alunado devem submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores. Dessa forma, o estudo do meio é o convite a conhecer a realidade próxima a partir de um novo olhar.

No decorrer do percurso foram retomados elementos do meio, a exemplo, das diferenças percebidas em relação às características das ruas ou questionamentos realizados, a exemplo de “professor, porque existem ruas sem calçamentos, enquanto outras possuem calçamento e outras com pista?” Neste contexto, para se retomou-se o conceito de espaço, através da análise sobre os objetos e as ações, colocando o papel do governo municipal e a participação popular nesse processo.

A partir da localização dos pontos comerciais também foram debatidas informações a respeito do papel dos órgãos públicos em viabilizar o escoamento produtivo, assim como centralizar os prédios de comercialização, para maior facilidade para o consumidor, transformando, conseqüentemente, em uma área valorizada, incidindo na aparência das

ruas, as quais são pavimentadas no território comercial e de prestação de serviços, enquanto outras não tiveram o mesmo tratamento.

Já na feirinha os educandos entrevistaram alguns dos consumidores e comerciantes. Naquele ambiente encontram-se uma diversidade de mercadorias: frutas e verduras, vestuário, açougue, clínica odontológica, biblioteca comunitária, miudezas e etc.

Ao entrevistar uma comerciante de frutas e verduras uma das alunas perguntou sobre a procedência da sua mercadoria e ela respondeu que comprava seus produtos ali mesmo (Figuras 4 e 5). O que resultou em mais questionamentos por parte dos alunos que logo exclamaram: “Mas professor, esse tipo de mercadoria não vem da CEASA?”. De fato, o tipo de mercadoria em questão na maioria dos casos é proveniente da CEASA, local que dentro do planejamento urbano campinense tem o papel de proporcionar o escoamento das mercadorias advindas da produção agrícola.

Nesse caso, pudemos salientar que há a ação dos chamados atravessadores que adquirem a mercadoria e revendem aos comerciantes da feirinha, fato que torna o produto um pouco mais caro. Ou seja, retomamos o conceito de espaço já trabalhado anteriormente, favorecendo a construção conceitual. Segundo Vygotsky (2010) tal atuação pedagógica favorece a atuação na zona de desenvolvimento proximal dos estudantes.



FIGURA 4: Alunas entrevistando comerciante
Fonte: SANTOS, 2017.



FIGURA 5: Alunas coletando informações da entrevistada
Fonte: SANTOS, 2017.

Entrevistando outra comerciante de frutas e verduras foi identificado, também, pelos estudantes que alguns não residem no bairro (Figuras 6) no caso de aposentados. Podemos inferir, assim, os conceitos destacados por Santos (2014) em que os fixos são os locais de trabalho e os fluxos ocorrem a partir do movimento dos comerciantes.



FIGURA 6: Aluna do 9º Ano “A” entrevistando comerciante
Fonte: SANTOS, 2017.



FIGURA 7: Aluna do 9º Ano “A” entrevistando consumidora
Fonte: SANTOS, 2017.

Segundo os relatos dos consumidores entrevistados (Figura 07) que residem nas proximidades da feirinha, a mesma destacou que ela é benéfica para o bairro, possibilitando menos gastos com deslocamentos e devido aos preços das mercadorias que são acessíveis, o que gera maior economia e praticidade. Nesta análise retomamos a discussão do conceito de lugar a partir da valorização da comerciante em relação a feira no bairro.

Após o término da coleta de dados fizemos um diálogo, ainda no local, em relação aos aspectos socioespaciais observados, ressaltando os fixos e fluxos. Alguns exemplos foram citados em relação aos “fluxos [dos] carros”, “as mercadorias que vêm de fora”; e entre os fixos eles destacaram a lotérica que se localizava nas proximidades.

Contudo, não identificaram que apesar da agência lotérica ser fixa (prédio), faz parte da organização empresarial de uma empresa maior (Caixa Econômica Federal), que através da terceirização trabalha com fluxos financeiros. Logo foi chamada a atenção dos alunos para tal detalhe. Esse é o momento destacado por Vigotsky (2010) em que o mediador se utiliza daquele conhecimento construído espontaneamente pelo aluno, visando a sua potencialização e conseqüente ressignificação. Terminado o trabalho de campo os alunos retornaram a escola (Figuras 8 e 9).



FIGURA 8: Alunos do 9º Ano “A” da E.E.E.F. Poeta Carlos Drummond de Andrade
Fonte: SANTOS, 2017.



FIGURA 9: Término da aula de campo com os alunos do 9º Ano A
Fonte: SANTOS, 2017.

A análise pós-campo é o momento de dialogar com os alunos em relação ao que foi percebido e sentido durante o estudo do meio (PONTUSCHKA e LOPES, 2009, p. 188), mas a partir da retomada das discussões conceituais que haviam sido feitas no trabalho pré-campo.

TERCEIRA ETAPA: ANÁLISE DO MATERIAL PRODUZIDO PELOS ALUNOS

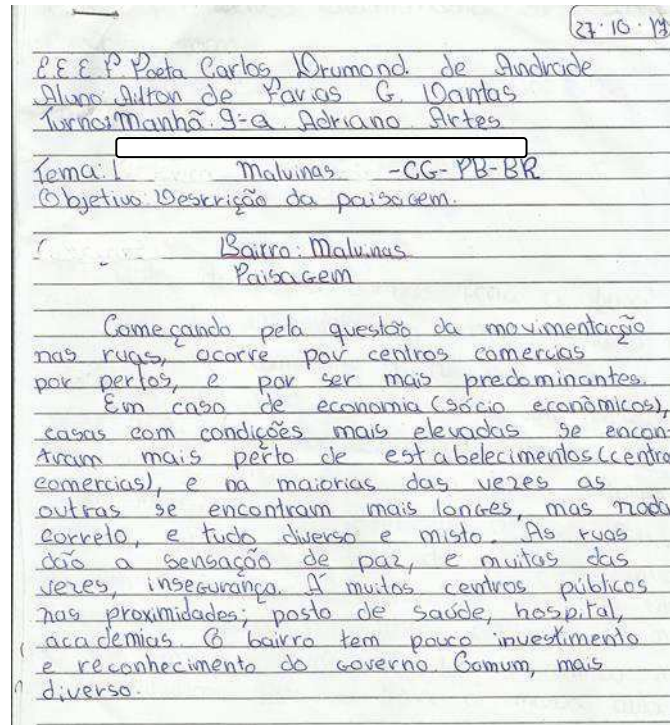
Com base nas atividades anteriores, na etapa pós-campo os estudantes foram convidados a realizar produções textuais, relacionando o que foi trabalhado durante a aula teórica e o trabalho de campo. Esse momento é extremamente importante, pois, a partir de tais produções o mediador poderá identificar as dificuldades dos alunos e propor futuras atividades, visando sanar obstáculos à construção do conhecimento.

No texto abaixo (Figura 10), o aluno, com suas próprias palavras, ressalta a movimentação que ocorre nas ruas onde se encontram os comércios aglomerados em uma área que ele chama de centro comercial. O mesmo utiliza o termo socioeconômico para designar as diferenças de renda incorporadas às características das residências, que segundo ele são mais luxuosas próximas ao comércio e mais modestas conforme se afastam. Não se pode ignorar o trecho em que ele ressalta a sensação de paz e ao mesmo tempo de insegurança representada pelo descaso do poder público quanto aos problemas de segurança pelo qual o bairro vem passando. É o conceito de espaço incorporado nas ideias expostas pelo educando, pois, são as ações dos agentes presentes naquela área que são ressaltadas pelo estudante.

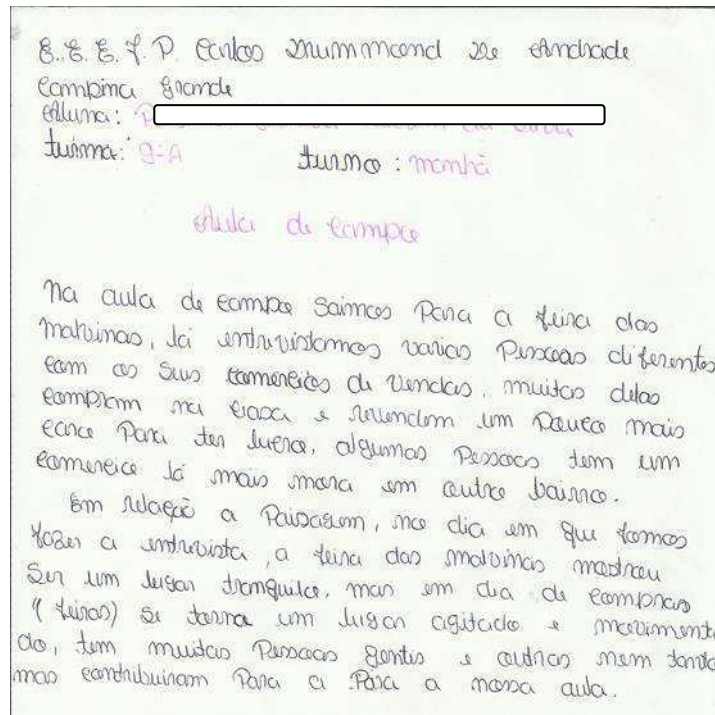
Ao final ele cita alguns exemplos de órgãos públicos com prestação de serviços de saúde como o “posto de saúde” (PSF) e hospital (Trauma), além das academias, e chama a

atenção para a necessidade de investimento e reconhecimento das Malvinas por parte do poder público. O educando faz referência a paisagem, mas ele vai um pouco mais além, ressaltando o que se encontra por trás dela através da dinâmica espacial.

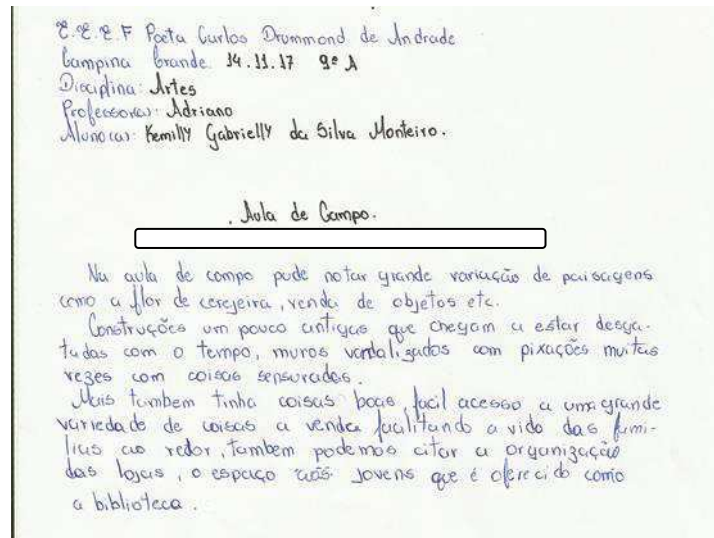
FIGURA 10: Produção textual do aluno 1



Na produção textual (Figura 11), a aluna se preocupa em destacar a diferença observada na variação de preços dos produtos na interseção Ceasa/Feira das Malvinas. Todavia o que mais nos chama a atenção é o trecho em que ela ressalta que muitos dos comerciantes que ali trabalham não são do bairro, mas sim de outras localidades. Segundo ela em dias de compras a feira tranquila se torna agitada e movimentada (conceito de espaço). A aluna também faz referência à paisagem e ao lugar. Todavia, estas reflexões confundem-se com o conceito de espaço, tendo em vista que a mesma destaca os objetos, movimentos e ações daquela realidade socioespacial.

FIGURA 11: Produção textual da aluna 2

A estudante nº 03 percebe e destaca a relação entre o passado e o presente incorporado às construções mais antigas e as modernas (relações espaciais no tempo através da paisagem). Ao mesmo tempo destaca as pichações no patrimônio privado e finaliza salientando a facilidade de acesso a bens e serviços no lugar. Ao final faz referência ao conceito de lugar com o termo “o espaço dos jovens” em relação à biblioteca comunitária (Figura 12). Dessa forma, percebe-se que a aluna está em um nível mais avançado nas abstrações espaciais, pois, consegue diferenciar os diversos conceitos espaciais sem confundir-los.

FIGURA 12: Produção textual da aluna 3

No texto, a seguir, o educando faz referência a paisagem através dos sentidos, com destaque para os odores, “cheiro” (Figura 13). Salienta a questão de higiene do ambiente (novamente uma problemática que compete ao poder público em fiscalizar as condições ambientais em que os alimentos estão sendo comercializados).

Vale ressaltar que em relação ao conceito de espaço se destacam as figuras dos agentes que atuam direta ou indiretamente na configuração espacial, através das suas ações. É novamente o conceito de espaço, sendo apropriado pelos estudantes. Contudo, não ressaltou a questão dos atravessadores, já destacadas por outros escolares.

FIGURA 13: Produção textual do aluno 4

C.E.F. Pista Carlos Drummond de Andrade
 Campinas Grande 14/33/2017
 Aluno: Talysan Bruno da Silva
 Professor: [REDACTED]
 Série: 5º Ano Turma: A Turma: Manhã
 Disciplina: Artes

Aula de Campo

A Paisagem é cheia de lojas, Barracas, comerciantes
 muitos animais espalhados por toda a feira, há
 também o mal cheiro, o cheiro bastante ruim. o
 cheiro horrível do Peixe morto.

A maioria dos comerciantes que trabalham lá
 são aposentados e não notaram nenhuma mudan-
 ça no longo das anos, e além disso eles conse-
 guem os produtos fora do bairro, algumas pessoas
 são gentis ex: as mais velhas e mais solteiras
 e outras são bastante ingratas e mal-educadas.

Essas produções foram muito significativas tendo em vista a análise textual do material produzido pelos alunos. O conceito de espaço é que identificamos com maior apropriação, pois, nas palavras dos estudantes podem-se ressaltar as ideias referentes aos objetos e ações. No entanto, também foram discutidas sobre as relações de poder, sentimento de pertencimento, e a materialidade presente na feira (o que compõem, também, as outras categorias geográficas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as considerações feitas sobre a importância da apropriação conceitual dos estudantes e da necessidade de um novo fazer pedagógico na disciplina geográfica, refletimos que o estudo de campo constituiu-se como ferramenta significativa para o desenvolvimento da pesquisa, pois, mobilizou a participação efetiva dos alunos e favoreceu a conceitualização geográfica. Assim, como gerou maior colaboração entre eles o que favoreceu maior eficácia em todas as etapas referentes as atividades desenvolvidas. É necessário ressaltar, também, que foi um momento inovador tendo em vista que os educandos nunca haviam participado de uma aula de campo em Geografia. Foi uma atividade de descobrimento e ressignificações da realidade próxima a eles.

Inovar e revisar a prática de ensino deve ser um dos elementos importantes da prática docente, pois as aulas tradicionais ainda são um grande obstáculo para a construção do saber geográfico nas escolas. Portanto, o professor mediador deve estar atento às novas metodologias que procurem romper com a reprodução de conteúdos que em nada servem para a formação do cidadão consciente e crítico.

Além disso, verificamos, no decorrer da pesquisa, que houve a construção do conhecimento geográfico e tal apropriação conceitual deve ocorrer de forma gradual e o estudo de campo se faz necessário para tal apropriação. Como também, que o espaço próximo dos alunos deve ser utilizado para esta construção, proporcionando maior interesse do alunado e estimulando sua capacidade de abstração e reflexão espacial.

Dessa forma, conclui-se que a aprendizagem em geografia só é viável quando se leva em consideração os conceitos espontâneos dos estudantes, portadores de conhecimentos previamente construídos, os quais devem ser estimulados com o propósito de resignificá-los criticamente, transformando-os em conceitos científicos, através da mediação escolar, a qual favorece a ZDP.

Contudo, é necessário que haja a mediação pedagógica no acompanhamento individual dos estudantes para que aqueles com mais dificuldades possam avançar nas suas hipóteses espaciais e também construir tais conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos/** Campinas, SP: Papirus. 1998. – (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo** In. Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. (p. 83-134).
- CORREA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da Geografia** In. Geografia: conceitos e temas/ 14º ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011. (p. 15 – 48).
- COELHO, L; PISONI, S, **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação** In. Revista -Ped – FACOS / CNEC Ósório, Vol .2 – Nº1 – Agos./2 0 1 2 (p. 144-152). Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/vygotsky_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf acesso em 28, set de 2017.
- COSTA, G. S; DINIZ, L. S. **Feiras Livres Regionais: Estudo de Caso a Cerca das Transformações Comerciais na Feira de Sumé-PB/ III SRCCC; Sobral, 2017.** Disponível em: <http://srccc.com.br/rs-content/files/MBPOKJAEGLFI117.pdf> acesso em 07. Set. 2017.
- FONSECA, S. F; MENDONÇA, G. L; SANTOS, D. C. dos; CARDOSO, V. F. **Ensino de Geografia: uso e aplicação de oficina de cartografia enfatizando as formas de orientação** In. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 2, maio./ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/10778/pdf> acesso em 22. Ago. 2017.
- FONSECA, A. A. M. **Em Torno do Conceito de Região/** Sitientibus, Feira de Santana, n.21, p.89-100, jul./dez. 1999. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/21/em_torno_do_conceito_de_regiao.pdf acesso em: 02. Jan. 2018.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. S. **Métodos de Pesquisa/** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOMES, P. C. C. **O Conceito de Região e Sua Discussão** In. Geografia: conceitos e temas/ 14º ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011. (p. 49 – 76).
- LIMA, F. S. **A construção dos conceitos de espaço e paisagem no ensino de Geografia, a partir do estudo de campo no distrito de Pão de Açúcar – Taquatiranga do Norte/PE.** Campina Grande: UFCG, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso)
- LIBÂNIO, J. C. **Didática.** 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013.
- LIRA, S. M. **O ensino de Geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente.** In: FARIAS, P. S. C; OLIVEIRA, M. M. (Org.) A formação docente em Geografia: teorias e práticas. Campina Grande: EDUFCG, 2014

MAXIMIANO, L. A. **Considerações Sobre o Conceito de Paisagem/** R. RAË GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR. (p.83-91). Disponível em: <http://www.revistas.ufpr.br/raega/article/download/3391/2719> acesso em: 23. Jan. 2018.

NETO, J. S. **Direito ao Desenvolvimento:** o lugar como categoria jurídica necessária a uma sociedade plural/ Revista Jurídica da Presidência Brasília v.16 n.109 Jun./Set. 2014 p. 297-318. Disponível em: http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/direito_ao_desenvolvimento_o_lugar_como_categoria_juridica_necessaria_a_uma_sociedade_plural.pdf acesso em: 10. Jan. de 2018.

PONTUSCHKA, N. N. **O estudo do meio:** momentos significativos de apreensão do real In. Para ensinar e aprender geografia. 3º ed. – São Paulo: Cortez, 2009. (p. 171-212).

PONTUSCHKA. N. N; LOPES. C. S. **Estudo do Meio:** Teoria e Prática/ Geografia (Londrina) v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/561488/mod_resource/content/1/estudo%20do%20meio.pdf acesso em: 26, Nov de 2017.

QUEIROZ, D. T; VALL, J. VIEIRA, N. F. C. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa:** Conceitos e Aplicações na Área de Saúde. Rio de Janeiro, 2007, abr/jun; 15(2): 276-83.

RODRIGUES, K. **O Conceito de Lugar:** a aproximação da geografia com o indivíduo/ Anais do XI ENANPEGE, 2015. (p.5036- 5047) Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/473.pdf> acesso em: 23, Jan. de 2018.

SANTOS, A. P. **Jogos no ensino de geografia: múltiplas inteligências em foco /** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2014.

SANTOS, M. **O Espaço:** Sistema de Objetos e Sistemas de Ações In. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. Ed. 8. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Coleção Milton Santos), (p. 61-88).

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988. Disponível em: https://geografiamb2.files.wordpress.com/2009/03/metamorfose_do_espaco_habitado_-_milton_santos.pdf acesso em: 10, nov de 2017.

SOUZA, M. J. L. **O Território:** Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento In. Geografia: conceitos e temas/ 14º ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011. (p. 77 – 113).

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2010.